



Artigo

## LEITURA DE LITERATURA NA ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA ATUALIDADE

Júlio Luís Assunção Vasconcelos

Universidade Estadual de Maringá-PR

### RESUMO

Este artigo discute o conceito de literatura, suas múltiplas acepções ao longo da história e sua relação com o ensino e a formação do leitor literário na escola contemporânea. O objetivo é analisar como a leitura literária pode contribuir para a formação de leitores críticos, autônomos e socialmente conscientes, considerando os desafios e as possibilidades das práticas pedagógicas atuais. A metodologia adotada é de natureza qualitativa e teórico-bibliográfica, fundamentada em autores como Todorov, Kleiman, Marcuschi e nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os resultados apontam que a literatura, historicamente associada à erudição e ao letramento das classes dominantes, ampliou seu significado para abranger a arte verbal e a expressão estética, mas ainda enfrenta resistência no ambiente escolar devido a metodologias desatualizadas que reduzem a leitura a tarefas mecânicas. A discussão evidencia que a formação do leitor-fruidor, preconizada pela BNCC, exige práticas que valorizem a dimensão sociocognitiva da leitura, mobilizando conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo, bem como processos metacognitivos. Conclui-se que a leitura literária na escola é ferramenta essencial para a humanização e o desenvolvimento integral do aluno, desde que mediada por professores leitores e comprometida com a experiência estética e reflexiva.

**Palavras-chave:** Literatura. Leitura literária. Formação de leitores. Ensino. BNCC.

### ABSTRACT

This article discusses the concept of literature, its multiple meanings throughout history, and its relationship with teaching and the formation of literary readers in contemporary schools. The objective is to analyze how literary reading can contribute to the formation of critical, autonomous, and socially aware readers, considering the challenges and possibilities of current pedagogical practices. The methodology adopted is qualitative and theoretical-bibliographic, based on authors such as Todorov, Kleiman, Marcuschi, and the guidelines of the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC). The results indicate that literature, historically associated with erudition and the literacy of dominant classes, has expanded its meaning to encompass verbal art and aesthetic expression, but still faces resistance in schools due to outdated methodologies that reduce reading to mechanical tasks. The discussion shows that the formation of the “reader-enjoyer,” advocated by the BNCC, requires practices that value the socio-cognitive dimension of reading,





mobilizing linguistic, textual, and world knowledge, as well as metacognitive processes. It is concluded that literary reading in schools is an essential tool for the humanization and integral development of students, provided it is mediated by teachers who are themselves readers and committed to aesthetic and reflective experience.

Keywords: Literature. Literary reading. Reader development. Teaching. BNCC.

O que é a literatura? O termo é fortemente polissêmico e remete a conceitos complexos e, muitas vezes, ambíguos. De forma simplificada, podemos dizer que a literatura pertence ao campo das artes — especificamente à arte verbal —, pois tem a palavra como meio de expressão, e sua definição está comumente associada à ideia de valor estético.

Historicamente, o termo *litteratura* (do latim) designava, de modo amplo, o conjunto dos saberes escritos e a erudição, restringindo-se às classes elitistas. Foi apenas a partir do século XVIII que a literatura passou a ser concebida como arte da palavra, abrangendo gêneros como poesia, prosa, romance e crônica, e não mais apenas como sinônimo de instrução. No século XX, correntes como o Formalismo Russo e o New Criticism buscaram defini-la com base em características estritamente textuais, desconsiderando aspectos históricos e sociais. Sem a pretensão de esgotar esse debate, esta pesquisa adota um conceito mais amplo: a literatura como arte da palavra, mas também em sua dimensão sociocultural, entendendo que o contato com o texto literário pode funcionar como um instrumento de intervenção social, capaz de modificar a realidade de quem o vivencia.

Embora o debate conceitual seja relevante, o foco central deste artigo reside em outro ponto: os desafios do ensino da literatura na escola atual. Sabe-se que, na prática pedagógica, muitos professores de Língua Portuguesa ainda tratam a literatura de forma restrita — seja como mero repositório de informações históricas sobre épocas e escolas literárias, seja como pretexto para exercícios gramaticais ou linguísticos. Essa abordagem reduz o potencial formativo e estético da leitura literária, contribuindo para o desinteresse dos jovens, para a baixa proficiência leitora e para o distanciamento entre o texto canônico





e a realidade do aluno. Diante desse quadro, faz-se premente discutir caminhos que recoloquem a leitura literária como experiência significativa e formadora de leitores críticos.

Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo é analisar os principais desafios do ensino da literatura na escola contemporânea e refletir sobre práticas pedagógicas que favoreçam a formação do leitor literário, com ênfase na mediação docente, na seleção de obras significativas e no diálogo entre textos canônicos e as vivências dos alunos. Na seção seguinte, abordaremos o ensino de literatura e suas implicações na formação do indivíduo.

## **2 METODOLOGIA**

O presente artigo adota uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica, e tem como objetivo discutir o conceito de literatura e sua relação com o ensino e a formação do leitor literário na escola contemporânea. A pesquisa fundamenta-se na análise crítica de diferentes acepções do termo "literatura" — desde sua origem etimológica até concepções modernas —, mobilizando referenciais da teoria literária, da linguística e da pedagogia, com destaque para Todorov (1978, 2009), Matos (2001), Kleiman (2013), Marcuschi (2005) e Soares (1998). Como procedimento de análise, o estudo realiza uma revisão bibliográfica e a análise interpretativa de conceitos e práticas consolidadas na academia, além de examinar as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2020) no que se refere à formação do "leitor-fruidor". Não há coleta de dados empíricos; trata-se de uma proposição teórica que discute os desafios das práticas pedagógicas atuais, os processos metacognitivos na leitura e os diferentes níveis de conhecimento (linguístico, textual e de mundo) mobilizados no ato de ler.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A literatura, como já foi dito anteriormente, pode assumir muitas acepções e dentre tantas, a que mais nos assiste consiste, além de seu marco artístico, também na sua dimensão sociocultural. Começaremos nossas ponderações enfatizando os documentos oficiais que preveem o trabalho com literatura na escola em seguida faremos algumas pontuações sobre como se dá tal ensino.





Inicialmente cabe lembrar que o papel primordial da escola é formar o cidadão pleno, isto é, aquele indivíduo que saiba olhar o mundo a sua volta de forma crítica e agir sobre sua realidade. Com este intuito, a escola é o local mais propício para que este indivíduo busque subsídios para tal formação. Dentro de sua estrutura, a escola deve oferecer ao educando situações que oportunizarão o pensar sobre o mundo. Partindo desse princípio, o acesso a literatura em todas as etapas do ensino básico é de extrema importância para a formação do cidadão desde os primeiros contatos com a educação formal.

Apesar de não estar delimitada como um componente curricular específico, a literatura se faz presente em toda a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e encontra-se presente tanto no ensino médio quanto no fundamental, e com especial interesse nesse último pois é nosso objeto de análise.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) possui caráter normativo e estabelece objetivos de aprendizagem definidos por meio de competências e habilidades essenciais. Entre suas competências gerais da educação básica temos a terceira que fala especificamente do repertório cultural “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BNCC, 2020), em outras palavras, é direito do aluno ter acesso às mais variadas obras literárias dos mais variados lugares do país e do mundo, das mais variadas culturas e épocas, e nesse sentido a escola deve fornecer ao aluno, dentro de suas possibilidades os meios para que ele alcance este fim, ou que tenha acesso a tais manifestações.

A base nacional curricular nos fala ainda que mesmo fora do ambiente escolar o processo de aprendizagem não deve ficar estagnado, mas sim ganhar novos ambientes de socialização, sempre partindo de uma experiência com leitura, como podemos perceber no trecho retirado do documento:

Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir playlists, vlogs, vídeos-minuto, escrever fanfics, produzir e-zines, nos tornar um booktuber, dentre outras muitas possibilidades. (BNCC, Linguagens, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental, p 68).





Além do exposto acima sobre a diversidade cultural prevista no documento e as variadas formas de socialização e aprofundamento do conhecimento previsto por meio das práticas digitais, ela também versa sobre a formação do leitor, o qual recebe a denominação de leitor-fruidor, o qual definindo a grosso modo, é aquele capaz de perceber a polissemia dos textos, ou seja, seus vários sentidos e suas várias possibilidades de interpretação, como podemos perceber no trecho que segue:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, Linguagens, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental, p 138).

A formação de um cidadão pleno, sem sombra de dúvidas, é o desejo de todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, desde professores, mediadores até os mais altos cargos que envolvem a educação neste país, contudo, para formarmos este cidadão pleno, precisamos antes de mais nada refletir sobre nossas práticas de ensino, principalmente sobre nossas práticas de leitura, que leitores estamos formando, ou se estamos formando leitores de alguma natureza, sabemos que é do conhecimento de todos que a leitura é o meio pelo qual podemos abstrair muito mais rapidamente os conhecimentos necessários para sermos íntegros e mais humanos e a literatura nos possibilita isso de maneira prazerosa, contudo, o que se vê, é um número cada vez maior de alunos rejeitando a leitura nas aulas de língua portuguesa, e até de professores, mediadores que apenas praticam a leitura como forma de busca textual durante a resolução de tarefas pré-determinadas durante suas aulas.

Com base no exposto acima vamos discutir, de maneira bem sucinta a leitura de literatura na escola, com o intuito de entendermos melhor a relação da literatura com o aluno.

### 3.1 Leitura de literatura na escola





Uma das primeiras habilidades desenvolvidas pelos alunos, assim que entram na escola é a leitura, talvez seja uma das mais importantes e fundamentais que podem ser desenvolvidas pelo ser humano. É a partir dela que o aluno participa do universo a sua volta, que ele o compreende melhor, no dizer de Soares (1998) "Leitura não é ato solitário; é interação verbal entre indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros". O que a autora nos mostra é que o ato de ler nunca é individual, a leitura é um ato interativo, nunca está sozinho, principalmente em se tratando de leitura realizada na escola, para a realização desta atividade no ambiente escolar muitos são os elementos que precisam se ajustar perfeitamente para que haja leitura efetiva e para que ela dê frutos, nesta seção debateremos um pouco sobre estes elementos que são fundamentais dentro do processo de leitura e leitura literária.

Muito se tem debatido sobre leitura no ensino fundamental e na realidade a leitura de literatura tem perdido espaço em nossas salas de aula para a mera decodificação de signos linguísticos o aluno moderno desenvolve uma resistência ao ler, uma das justificativas que nos mais tem perturbado dentro do processo de leitura reside na caracterização, feita pelo aluno, de que a leitura é difícil, no dizer de Kleiman (2013):

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido. (KLEIMAN, 2013, p, 22)

Essa resistência de nosso alunado com relação às práticas de leitura tem sua origem justamente nas práticas que são adotadas, essas, muitas vezes, agem na contramão do ensino, ao invés de serem motivadoras e fazer com que cada vez mais o aluno tenha desejo ao ler, elas desmotivam porque, provavelmente, são embasadas em premissas equivocadas sobre a leitura, o texto e a linguagem. Desse modo, o processo de ensino de leitura se torna algo desconfortável o qual o aluno irá evitar a todo custo. Embora essas práticas que primam pela mera codificação do texto linguístico tenham esse efeito, elas também são legitimadas tanto dentro quanto fora da escola, pois são as mesmas práticas cobradas em concursos tanto públicos quanto particulares (Kleiman, 2013).





Esse tipo de prática, a qual encontra-se desvinculada do uso da linguagem é muito comum em nossas salas de aula, ela também denota uma formação docente que se perpetua ano após ano nas universidades, entretanto, é a mesma cobrada em processos seletivos de concursos públicos em todas as esferas da educação. Como pode haver um trabalho com leitura fruição e leitura literária se o profissional responsável por seu ensino não apresenta qualidades de leitor?, como motivar o aluno para leitura se o docente não está motivado?, sendo assim, entendemos que a constante busca pelo conhecimento é tarefa do profissional comprometido com o ensino, buscar práticas alternativas de ensino que motivem e cultivem no aluno o gosto pela leitura, mas para que a mudança aconteça o profissional não deve estar pautado apenas no desejo de mudança, mas sim buscar a formação necessária através de cursos de mestrado e doutorado, por exemplo, para que possa realizar de maneira concreta tais mudanças.

Sabemos que o ato de ler preconiza o ensino de qualquer área do conhecimento na escola, ele é saber fundamental para o sucesso na realização das atividades escolares e o bom andamento do processo ensino aprendizagem. É válido ressaltar que o sucesso da leitura na escola não depende somente do professor, mas também do aluno, esse também deve ter uma compreensão acentuada do processo para melhor desenvolvê-lo, e para que possamos ter êxito em nossa leitura faz-se necessário o conhecimento de aspectos capazes de potencializar tal ato, é o caso dos aspectos que envolvem a metacognição.

De acordo com seu étimo,

Meta do grego *metá*, “em seguida”, prefixo: elemento que indica algo posterior, indicação de mudança, indicação do que transcende, vai além de outra coisa e cognição, do latim *cognitio onis*, que significa aquisição de conhecimento; capacidade de discernir, de assimilar esse conhecimento; percepção, sendo assim, metacognição é o Conhecimento que um indivíduo tem acerca dos próprios processos cognitivos (mentais), sendo capaz de refletir ou entender sobre o estado da sua própria mente (pensamento, compreensão e aprendizado). (Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/metacognicao/>. Acesso em: 02/11/2018).

Considerando seu sentido, podemos dizer que a metacognição é a reflexão sobre o aprender a aprender, especificamente, em linhas gerais, é o entendimento profundo dos processos, técnicas e as regulações pelas quais, em nosso caso o leitor se torna mais completo





e eficiente no ato de ler e compreender sua leitura, é um trabalho que, se bem-sucedido, leva o aluno a autonomia da leitura e da aprendizagem, o que será de muita utilidade durante toda sua vida.

Além disso, a compreensão do ato de ler o texto escrito, é antes de tudo, não apenas um ato cognitivo, e sim, um ato ativo e social, onde se encontram: aspectos do aprender e também da atividade na qual o leitor se engaja para dar significação ao texto. Envolve a reflexão, e para tanto a leitura deve ser entendida como um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados, nesse caso, o papel do professor não pode ser delimitado apenas a mediar processo, ele tem que ser também um provocador, despertar no aluno o desejo pela descoberta do que está sendo lido, levando o aluno a refletir sobre o que leu, fazendo com que esse indivíduo acesse seus conhecimentos prévios e os amplie quando necessário e assim fazendo com que ele por si só perceba suas falhas e para poder corrigi-las a todo momento que achar necessário.

Para Marcuschi (2005),

Na perspectiva da abordagem sociocognitiva, a linguagem é vista não como uma representação dos referentes mundanos, ou mera competência de habilidades cognitivas inatas, mas o local onde, dialeticamente, a exterioridade (o cultural, o social e o histórico) se relaciona com os processos internos (nossos esquemas mentais), construindo discursiva e intersubjetivamente versões públicas do mundo. (MARCUSCHI, 2005, p. 67)

O que Marcuschi nos mostra sobre a abordagem sociocognitiva é que a linguagem não se resume apenas aos aspectos linguísticos, pois, uma vez utilizada para representar o cotidiano, em sua constituição estarão também todos os outros aspectos da vivência do indivíduo sobretudo sua cultura, e não somente a sua mas todas aquelas as quais ele puder ter acesso, pois esses aspectos também são responsáveis pela polissemia dos discursos, sejam eles de qualquer natureza, e quanto maior seu repertório mais rapidamente compreenderá o mundo que o cerca.

A partir desse pressuposto podemos inferir a importância da modelagem de estratégias metacognitivas e de desenvolvimento com o intuito de melhorar e intensificar a aprendizagem do conhecimento, em especial as de leitura do texto seja ele escrito, oral,





literário ou não, em outras palavras o conhecimento cognitivo somado aos sócio cognitivos formam leitores melhores e conseqüentemente, alunos melhores, autônomos, capazes de desenvolver cada vez mais suas habilidades.

Durante o processo de leitura todo indivíduo ativa um conjunto de conhecimentos prévios situados em vários níveis, é mediante a combinação harmoniosa desses conhecimentos que o processo de leitura se efetiva em toda sua completude, entretanto, se esses níveis de conhecimentos forem insuficientes para concluir o entendimento durante a leitura haverá uma compreensão limitada ou nenhuma compreensão, problema este que muitos alunos enfrentam na escola e as vezes até fora dela, o conhecimento desses níveis é de fundamental importância para o bom andamento da aprendizagem de leitura, tanto pelo aluno quanto pelo professor mediador.

Sabemos que no ato de leitura precisamos acessar todos os nossos conhecimentos adquiridos durante a vida toda, quando se trata do texto escrito, esses conhecimentos são mais específicos é o caso do conhecimento linguístico, sem ele é impossível ler qualquer texto escrito, segundo Kleiman (2013),

O conhecimento linguístico, isto é, aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que falemos o português como falantes nativos. Este conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar o português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua. (KLEIMAN, 2013, p. 33)

Sendo assim, um estrangeiro recém chegado ao Brasil não entenderia com propriedade um texto lido em nossa língua pois lhe faltaria o conhecimento linguístico específico da língua portuguesa, o que lhe ajudaria na leitura e entendimento, isto é ele teria que saber como agrupamos nossas palavras, seus significados e pronúncias, no mínimo, para ler e atribuir sentido aos nossos textos.

O segundo nível trata do conhecimento textual, e aqui me refiro ao conhecimento das estruturas dos mais variados tipos textuais e sequências textuais (narração, descrição, dissertação, etc.), esse conhecimento possibilita a atribuição de sentidos diferentes para estruturas de texto diferentes, mas com mesma informação, é o caso de um mesmo enunciado ser escrito com estruturas diferentes, um com estrutura narrativa e outro com





estrutura dissertativa. Um leitor conhecedor dessas estruturas jamais irá atribuir o mesmo valor a ambas uma vez que ele sabe que uma narração tem como objetivo contar e para contar os elementos básicos são: tempo, espaço, narrador, personagem ..., já a mesma informação dita de forma dissertativa o leitor criará expectativas diferentes, não esperará encontrar elementos como: tempo, enredo, personagens etc., pois ele sabe que esse texto tem função diferente do anterior mesmo contendo a mesma informação.

O terceiro nível a ser levado em consideração trata do conhecimento de mundo ou enciclopédico que para Kleiman (2013) pode ser adquirido tanto formalmente quanto informalmente, referindo-se tanto ao epistêmico quanto ao empírico respectivamente, neste caso:

O chamado conhecimento de mundo abrange desde o domínio que um físico tem sobre sua especialidade até o conhecimento de fatos como “o gato é um mamífero”, “Angola está na África”, “não se deve guardar fruta verde na geladeira”, ou “na consulta medica sempre há uma entrevista antes do exame físico”. (KLEIMAN, 2013, p. 72-73)

Em outras palavras, o conhecimento de mundo reúne todas as experiências das quais o indivíduo possa acessar para dar sentido e compreender, da melhor forma possível, os fatos que lhe são impostos, isto é, é o conjunto de todas as experiências as quais o indivíduo acessa no momento da leitura para compreender o que está lendo, já quando essa gama de experiências não se faz manifestada, a decodificação dos discursos por parte do interlocutor se faz limitada, imprecisa.

Existe ainda um quarto nível chamado de esquemas, os esquemas consistem no conhecimento parcial, estruturado que temos em nossa memória sobre assuntos diversos, situações diversas, eventos típicos de nossa cultura ou da cultura do outro, se for o caso. O esquema nos permite economia na comunicação, pois podemos deixar implícito aquilo que é típico de uma situação de conhecimentos partilhados entre leitor e autor, falante e ouvinte, isto é, interlocutores de qualquer natureza, é o caso por exemplo, de um acidente na estrada que terá como consequência seu atraso num importante compromisso. Neste caso caracteriza-se como acidente de automóvel (esquema mental) o fato de haver um veículo destruído, várias vítimas, ambulâncias, cones delimitando o território do acidente, controle do trânsito etc. Ao chegar em seu compromisso você, ao ser indagado sobre o motivo do





atraso, poderá apenas dizer que houve um acidente de automóvel, isso bastará para que seu interlocutor, com base no esquema mental que ele já possui de acidente acesse-o e compreenda o que você disse, então não serão necessárias outras explicações.

Certamente, o conhecimento prévio é instrumento essencial para que a leitura feita pelo aluno possa ser sinônimo de aprendizagem, é tarefa do professor e da escola submeter o aluno a situações onde o mesmo possa exercitar seu conhecimento de mundo, uma destas situações encontra-se explícita na leitura literária onde o aluno pode interagir com personagens dos mais variados contextos e assim ampliar seu leque de experiências que o ajudarão a compreender melhor a sociedade.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO**

Ao longo deste artigo, buscou-se discutir a leitura de literatura na escola e sua relevância para a formação do leitor literário na contemporaneidade, partindo de uma compreensão ampliada do conceito de literatura, entendida não apenas como arte da palavra, mas também como prática social, cultural e humanizadora. Observou-se que a literatura, historicamente marcada por múltiplas acepções e disputas conceituais, ultrapassa o mero valor estético e assume papel fundamental na constituição do sujeito crítico, sensível e participante de sua realidade social.

Nesse sentido, evidenciou-se que a escola ocupa lugar privilegiado na democratização do acesso à literatura, sobretudo no contexto da educação básica. Embora a literatura não figure como componente curricular autônomo, sua presença transversal na Base Nacional Comum Curricular revela o reconhecimento institucional de sua importância na formação integral do educando. A noção de leitor-fruidor, defendida pela BNCC, reforça a necessidade de práticas pedagógicas que privilegiem a fruição estética, a interpretação crítica e a construção de sentidos, rompendo com abordagens reducionistas que limitam a leitura à decodificação ou à análise meramente histórica das obras.

A análise das práticas de leitura literária na escola mostrou que grande parte das dificuldades enfrentadas pelos alunos decorre de metodologias pouco significativas, que desconsideram a dimensão interativa, social e cognitiva do ato de ler. Quando a leitura é





apresentada como tarefa mecânica, desprovida de sentido e distante da realidade do aluno, tende a gerar resistência, desmotivação e afastamento progressivo do texto literário. Tal cenário evidencia a urgência de uma revisão crítica das práticas docentes, bem como da própria formação inicial e continuada dos professores, que precisam se reconhecer, antes de tudo, como leitores.

Destacou-se, ainda, a relevância dos processos metacognitivos no desenvolvimento da competência leitora. A compreensão da leitura como atividade sociocognitiva, que mobiliza conhecimentos linguísticos, textuais, enciclopédicos e esquemáticos, permite ao aluno avançar em direção à autonomia intelectual e à aprendizagem significativa. Nesse processo, o professor assume papel central não apenas como mediador, mas como provocador de sentidos, incentivando o diálogo entre texto, leitor e contexto sociocultural.

Dessa forma, conclui-se que a formação do leitor literário na escola exige um compromisso efetivo com práticas de leitura que valorizem a literatura em sua potência estética e transformadora. Promover o encontro significativo entre o aluno e o texto literário implica reconhecer a leitura como experiência formadora, capaz de ampliar horizontes, fortalecer a empatia e contribuir para a construção de sujeitos críticos e socialmente conscientes. Assim, investir na leitura literária na escola não é apenas uma demanda pedagógica, mas uma necessidade social, cultural e humana, cujos impactos extrapolam os limites da sala de aula e se estendem por toda a vida do leitor.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: Ministério da Educação, 2020.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MATOS, Gregório de. **Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 2001.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1998.





TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Metacognição**. Disponível em:  
<https://www.dicio.com.br/metacognicao/>. Acesso em: 2 nov. 2018.

